

REGINALD E OS CORISTAS

— Nunca — escrevia Reginald ao seu mais querido amigo — nunca sejas pioneiro. O cristão mais primitivo é o que apanha o leão mais esfomeado.

Reginald, à sua maneira, era um pioneiro.

Na família, mais ninguém tinha algo que se assemelhasse ao seu cabelo à Ticiano ou ao seu sentido de humor, e decoravam as mesas com primaveras.

Segue-se que nunca compreenderam Reginald, o qual descia tarde para o pequeno-almoço, mordiscava umas torradas, e dizia coisas desrespeitosas sobre o universo. A família comia papas de aveia, e acreditava em tudo, mesmo no boletim meteorológico.

Assim sendo, a família sentiu-se aliviada quando a filha do vigário se comprometeu a regenerar Reginald. Chamava-se Amabel e esse nome fora a única extravagância do vigário. Amabel era considerada uma beleza e tinham-na por intelectualmente prenda-da; nunca jogava ténis, e gozava a reputação de ter lido *A Vida das Abelhas*, de Maeterlinck. Quem, numa pequena aldeia, se abstém de jogar ténis e, ainda por cima, lê Maeterlinck é necessariamente intelectual. Além disso, fora duas vezes a Fécamp para apanhar um bom sotaque francês junto dos americanos que andam por lá; consequentemente, tinha um certo conhecimento do mundo, que podia ser considerado como um trunfo para lidar com um homem do mundo.

Daí as congratulações da família quando Amabel se comprometeu a regenerar a sua ovelha tresmalhada.

Amabel começou a campanha convidando o pupilo desprevenido a tomar chá no jardim do reitorado; acreditava na saudável influência dos ambientes naturais, pois nunca fora à Sicília, onde as coisas são diferentes.

E, como todas as mulheres que alguma vez pregaram o arrependimento à juventude relapsa, pôs-se a insistir que era pecado levar uma vida ociosa, o que ainda se afigura mais escandaloso no campo, onde as pessoas se levantam cedo para ver se apareceu um novo morango durante a noite.

Reginald recordava os lírios do campo, «que se limitam a existir e ser belos, e a desafiar toda a concorrência».

— Mas isso não é exemplo que se possa seguir — engasgava-se Amabel.

— Infelizmente, não podemos dar-nos a esse luxo. Não imagina o mundo de trabalhos que tenho de enfrentar para imitar os lírios na sua artística simplicidade.

— Reginald, é verdadeiramente indecente essa vaidade que põe nas suas aparências. Uma boa vida é infinitamente preferível ao bom aspecto exterior.

— Concorda comigo que as duas coisas são incompatíveis. Eu sempre disse que a beleza não é mais profunda do que o pecado.

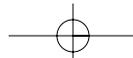
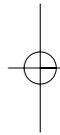
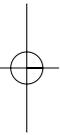
Amabel começou a perceber que a vitória na batalha nem sempre se inclina para o mais forte. Com os recursos proverbiais do seu sexo, abandonou o ataque frontal e passou a pôr a tônica no trabalho paroquial que tinha de desenvolver sem ajuda, na sua solidão mental, nos seus momentos de desencorajamento — e, no instante adequado, apresentou ao jovem uns morangos com *chantilly*. Reginald sentiu-se manifestamente tocado pelo gesto e, quando a sua preceptora sugeriu que poderia começar a sua árdua vida de trabalhos ajudando-a a superintender a excursão anual das bucólicas crianças que constituíam o coro local, os seus olhos puseram-se a brilhar com o perigoso entusiasmo de um convertido.

Reginald entrou na árdua vida sozinho, sem a companhia de Amabel. As mais virtuosas mulheres não estão imunes à erva húmida, e Amabel caiu de cama com um resfriado. Reginald considerou que se tratava de uma bênção divina; sempre fora seu sonho na vida organizar a excursão de um coro. Com estratégica visão, condu-

ziu as cabecinhas esturradas que tinha a seu cargo para o riacho florestal mais próximo e deu-lhes autorização para tomarem banho; seguidamente, sentou-se em cima das roupas que haviam despido e pôs-se a discorrer sobre o seu futuro imediato, que, decretou, consistiria em efectuar uma procissão báquica através da aldeia. Previdente, fornecera-se com um provimento de assobios de lata, mas a introdução de um bode encontrado num pomar vizinho foi uma brilhante ideia adventícia. Para ser bem, explicou Reginald, deveriam ter previsto umas vestes de pele de pantera; mas, nas circunstâncias, quem tivesse encontrado algum lenço ficava autorizado a cobrir-se com ele, e assim gratamente o fizeram. Reginald reconhecia a impossibilidade de, com o pouco tempo de que dispunha, ensinar aos seus arrepiados neófitos um canto em honra de Baco, pelo que os pôs em marcha ao som de um hino de temperança, mais familiar, embora menos adequado. Afinal, dizia, o que conta é o espírito da coisa. Seguindo a etiqueta dos autores dramáticos nas noites de estreia, manteve-se discretamente na retaguarda, enquanto a procissão, com extrema insegurança e com o bode, serpenteava lugubrememente pela aldeia. A cantoria morrera há muito antes de se chegar à rua principal, mas o miserável lamento dos apitos atraía os habitantes à porta de casa. Reginald dizia que tinha visto algo semelhante nas pinturas; os aldeões nunca tinham visto nada igual durante a vida, e isso mesmo declararam abertamente.

A família de Reginald nunca lhe perdoou. Não tinham sentido de humor.

(in *Reginald*)



REGINALD NO CARLTON

— Que clima mais instável — disse a Duquesa. — E que pouca sorte este tempo tão frio ter vindo calhar numa altura em que o carvão está tão caro! Que aflição para os pobres.

— Não sei quem observou que a Providência está sempre do lado dos grandes dividendos — comentou Reginald.

A Duquesa comeu uma anchova com ar chocado; era suficientemente bota-de-elástico para detestar irreverências com dividendos.

Reginald deixara-lhe à intuição feminina a eleição do pascigo, mas reservou para si a escolha do vinho, pois sabia que tal intuição se detém às portas do clarete. Uma mulher é capaz de escolher alegremente os maridos para as amigas menos atraentes, ou tomar partido numa controvérsia política sem fazer qualquer ideia das questões em jogo — mas nunca uma mulher escolherá alegremente um clarete.

— Os *hors d'oeuvres* sempre apresentaram um interesse patético para mim — disse Reginald. — Lembram-me a infância por que a gente tem de passar, sempre a imaginar como será o próximo prato — e durante o resto do menu uma pessoa acha que teria sido melhor comer mais *hors d'oeuvres*. Não adora observar as diferentes formas como as pessoas entram num restaurante? Há a mulher que entra a correr como se todo o seu programa de vida estivesse seguro pelo despotismo dum alfinete que pode abdicar das suas funções a qualquer momento; até ficamos aliviados ao vê-la chegar à cadeira incólume. Há depois os rebanhos que entram com aquele ar deixa-me-lá-cumprir-esta-maçada, como se fossem anjos da morte